

A ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM AUTISMO E O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

Gerlaine da Silva Pereira¹
Alexsandro da Silva Lima²

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse transtorno reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância, prejudicando muito o desenvolvimento da criança. Percebe-se ao analisar os principais desafios que os alunos têm na escola na aprendizagem, assim como as estratégias de ensino das crianças autistas, foram apresentados conceitos, diagnósticos e as formas de tratamentos para o processo de ensino-aprendizagem das crianças autista, também se faz referência às leis. O diagnóstico de TEA é categorizado pelos níveis de intensidade dos sintomas, como dificuldade na comunicação, habilidades sociais e comportamentos restritos ou repetitivos. Essa pesquisa é fruto de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, sobre TEA, com o objetivo de investigar a inclusão da criança na educação especial, analisar a função da família para a contribuição e também verificar as necessidades e dificuldades que à família e a escola tem na inclusão do aluno autista no ambiente escolar. A escola junto com a família tem um papel importante neste desafio, pois em conjunto poderá avançar na aprendizagem dessa criança autista. Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola comum, a escola deve proporcionar aos alunos com necessidades educacionais, o convívio social com outros alunos da mesma faixa etária, estimulando sua interação e diminuindo seu isolamento. Para isso, é necessário o respeito as especificidades das crianças autistas, a interação com pares é de suma importância para o desenvolvimento de qualquer criança.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; família; educação inclusiva; Desenvolvimento escolar

INTRODUÇÃO

A importância do tema abordado se dá a partir do entendimento do processo da inclusão do aluno autista na escola regular da rede pública e suas contribuições, pois o ensino inclusivo é um direito conquistado e é dever de toda sociedade aceitar e respeitar as diferenças. Desse modo, realizou-se um estudo voltado para a inclusão dos autistas, pois há ainda grandes lacunas no que se diz respeito ao tema, bem como a maneira de aceitar e trabalhar, que vai muito além do que se vê em teoria.

¹ Gerlaine Da Silva Pereira - Especialista do Curso de pós-graduação Lato Sensu em Educação Infantil e anos Iniciais da Faculdade Venda Nova do Imigrante- ES- gerlaine.pereira000@gmail.com

² Alexsandro da Silva Lima- Mestre em Ciências da educação, Unades- PY- Alexsandrolima16@hotmail.com

A inclusão é muito mais do que inserir, é mais do que o simples fato de matricular na escola, pois, para fazer jus à palavra dita, precisa acompanhar uma preparação tanto do próprio professor quanto da escola. Tal fato é de grande importância para o desenvolvimento da criança, pois não é o indivíduo autista que deve adaptar-se ao ambiente, mas sim o ambiente que deve ser adaptado e receber a educação inclusiva, sendo este fato reconhecido por lei.

No entanto, é perceptível que, a cada ano, os desafios aumentaram, levando a reflexão desta temática principalmente porque, cotidianamente, nas salas de aula, há alunos que necessitam de um olhar mais apurado sobre o seu processo de escolarização. No ambiente escolar quais desafios podem ser encontrados em relação à inclusão dos alunos com autismo? São alunos com diferentes condições, deficiência física, visuais, intelectuais, altas habilidades/superdotação e mais recentemente os com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico e todos estão relacionados com dificuldades no relacionamento social da criança, entre essas condições aqui abordadas existem três características fundamentais que podem manifestar-se, são elas a dificuldade de comunicação por uma deficiência ou domínio da linguagem, uso da imaginação, dificuldade de socialização assim, como, comportamentos repetitivos (TEIXEIRA, 2016).

Nesse sentido, tem-se como objetivo compreender o papel da escola na inclusão da criança com autismo, de acordo com suas características no processo de aprendizagem. Além disso, faz-se importante analisar a função da escola e garantir ao aluno uma inclusão para um melhor desenvolvimento na educação, levando-se em consideração as necessidades e dificuldades que a escola tem na inclusão do aluno.

Assim, escola e família constituem dois contextos responsáveis pela educação da criança. parceria entre essas duas instituições podem trazer benefícios na escolarização do aluno com o transtorno do Espectro autista. Tanto a família quanto a escola podem se beneficiar desta interação, refletindo dessa forma no desenvolvimento do indivíduo.

METODOLOGIA

O método que aplicado neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, de forma a abranger a fala da inclusão escolar e do meio familiar das crianças com autismo, baseado nas leis e complementando a pesquisa com autores que abordam e retratam esse caminho sobre a inclusão e o transtorno do espectro autista. Assim, foi realizado através de

pesquisa com leituras que abordam o tema com aportes teóricos para compreensão dos aspectos importantes para as crianças na educação inclusiva na sociedade.

As pesquisas bibliográficas constituem-se em fontes secundária, de forma a buscar aspectos relevantes, objetivando organizar as informações sobre o assunto do seu interesse. Assim, é o passo decisivo em qualquer pesquisa científica.

A pesquisa bibliográfica é feita a parti do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévio sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para o alcance dos objetivos, utilizou-se a pesquisa qualitativa, sendo importante para definir os aspectos qualitativos abordados em algumas questões, como a inclusão dos alunos com TEA, e como essa inclusão é necessária para o desenvolvimento do aluno, para sua vida social e o relacionamento familiar. A pesquisa qualitativa exploratória relaciona-se com a questão abordada, e essas observações complementam a pesquisa como um instrumento de conhecer melhor essas dificuldades. A inclusão do aluno com TEA na escola é essencial e fundamental para o processo de ensino sobre inclusão. Complementando, utilizou-se autores que relatam essa trajetória sobre a inclusão do indivíduo com autismo.

Segundo Bosa (2013), para que haja a inclusão escolar é necessário o envolvimento da escola, comunidade e família para atender as necessidades e garantir o acesso permanência da criança com autismo. Com isso, buscaram-se os questionamentos relacionados ao conhecimento e a inclusão, além de como é importante no âmbito educacional a necessidade da família e da escola no reconhecimento dessa inclusão desse aluno com autismo.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa envolveu uma obtenção de pesquisa com autores que evidenciam e comprovam hipóteses definidas nos estudos, e de várias abordagens na pesquisa e análise para o desenvolvimento do tema aqui proposto.

O QUE É O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA?

Observa-se que o TEA reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância, afetando 1 a cada 110 pessoas no mundo. O autismo

pode ser conceituado como um transtorno complexo do desenvolvimento, de um ponto de vista comportamental, com causas múltiplas que se manifestam em graus variados de gravidade, caracterizando-se pelo comportamento grave, também por muitas dificuldades acentuadas no comportamento e interação social. Pessoas com o transtorno têm, de uma forma ou de outra, dificuldades de comunicação e interpretação das formas não verbais de comunicação, como expressões faciais, gestos e outras linguagens corporais. O seu comportamento é geralmente uma tentativa de se comunicar e expressar seus sentimentos.

Além disso, o grau de comportamento de cada indivíduo pode variar de maneiras diferentes, de modo que, por exemplo, não estabelecem contato visual com as pessoas nem com o ambiente, há uma expressão de fala, mas não a usam como ferramenta de comunicação, não compreendem e aprendem apenas o sentido literal das palavras, nas formas mais graves, demonstrando ausência completa de qualquer contato interpessoal.

As causas do TEA não são totalmente conhecidas, mas podem ocorrer no desenvolvimento do feto, por conta da genética passada de pais para filhos, fatores ambientais como estresse, infecções, exposições a substâncias tóxicas complicações durante a gravidez. Isso já poderá ser notado nos primeiros meses de vida alguns sintomas nos bebês.

Por conseguinte, Teixeira (2016) define o autismo como uma síndrome de início precoce, caracterizada por alterações marcantes no desenvolvimento da linguagem e da interação social. O autor aponta para o fato de haver a presença de comportamentos estereotipados e repetitivos, rituais, alterações sensoriais e interesses restritos.

A maioria dos casos ainda são detectados na primeira infância, com alguns comportamentos que fogem ao chamado “desenvolvimento típico”, o que pode ser um alerta para os familiares e profissionais da saúde. Existem muitas crianças que tem autismo, podendo desenvolver entre os 18 a 24 meses de idade e, em seguida, parar de ganhar novas habilidades ou até mesmo perdê-las.

Segundo Bosa (2002), são chamadas autistas as crianças que tem inadaptação para estabelecer relações normais com o outro, com um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, há incapacitação de lhe usar como forma de comunicação. As crianças apresentam igualmente estereótipos gestuais, tendo uma necessidade de manter imutável seu ambiente material, ainda que deem provas de uma memória frequentemente notável. Contrastando com este quadro elas têm, a julgar por seu aspecto exterior, um rosto inteligente e uma aparência física normal.

Dessa forma, o paciente apresenta dificuldade de se comunicar e comportamentos repetitivos na média funcionalidade. Já na funcionalidade alta, os prejuízos são mais leves, pois

os portadores conseguem estudar, trabalhar e constituir uma família, com menos empecilhos. O autismo, por muitas vezes, pode ser quase que imperceptível sendo confundido com uma timidez.

Observa-se que é mais frequente o autismo em meninos do que em meninas, de forma que são diagnosticados mais precocemente do que as meninas, possivelmente porque o sexo masculino apresenta sintomas mais graves. As meninas com autismo costumam ter um desejo mais forte de ter relações sociais, de fazer amizades e de estar entre seus pares diferentes dos meninos (CARLOS, 2020).

Existem quatro tipos de autismo sendo a Síndrome de Asperger, de forma que os portadores apresentam uma inteligência muito superior à média, sendo conhecido também como autismo de alto funcionamento. O Transtorno Invasivo do desenvolvimento possui sintomas bem variados e distintos, dependendo do paciente, como dificuldades de interagir socialmente, por exemplo. Já o Transtorno Autista traz sintomas mais graves, sendo geralmente diagnosticado logo na infância em torno dos 3 anos, apresentando alguns sinais como falta de contato com os olhos quando fala, comportamentos repetitivos constantes, linguagem atrasadas entre outros. E o Transtorno Desintegrativo da infância é considerado o mais grave e incomum, diagnosticado na infância, entre os 2 e 4 anos, podendo apresentar características como perda das habilidades intelectuais, sociais e linguísticas e incapacidade de recuperá-la (PSICOLOGIA VIVA, 2019).

Além dos quatro tipos de autismo, existem também a classificação quanto ao grau deste, especificados em leve, moderado e severo. No nível 1, forma leve, o indivíduo necessita de pouco suporte, tendo dificuldades na comunicação, mas sem que isto limite sua interação social. O nível 2, considerado moderado, tem como característica a presença de déficits nas habilidades de comunicação verbais e não verbais, porém com menos intensidade do que o nível seguinte. E o nível 3, sendo a forma severa, os indivíduos necessitam de suporte, pois quase não tem habilidade de comunicação, com muita dificuldade nas interações sociais e com capacidade cognitiva prejudicada (PSICOLOGIA VIVA, 2019).

A ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM AUTISMO

O aluno autista possui dificuldades na aprendizagem, no que se refere a compreensão do que realmente o professor quer, uma vez que há certas limitações em mudanças bruscas de um fato para outro, bem como de se concentrar em estímulos que geralmente são visuais e sonoros. Para melhorar o aproveitamento em sala de aula, a redação desses estímulos é

essencial, pois o estudante autista consegue captar sons que podem ser imperceptíveis para o professor.

Nesse sentido, a escola deve proporcionar aos alunos com necessidades educacionais especiais o convívio social com os demais alunos da mesma faixa etária, estimulando sua interação e diminuindo seu isolamento. Para isso, é necessário o respeito as especificidades das crianças autistas, sendo a interação com pares de suma importância para o desenvolvimento de qualquer criança. O papel da educação é de cuidar e educar as crianças em espaço formal considerando a alimentação, a higiene e o lazer (brincar), sempre respeitando o caráter lúdico das atividades para o desenvolvimento geral.

O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

A relação família-escola é fundamental para a construção da identidade, autonomia e cidadania do aluno, de modo que as duas instituições devem estar conscientes do papel exercido no desenvolvimento do aluno. É indispensável que ambas estejam em parceria e, para que a inclusão ocorra, faz-se necessário que a escola disponibilize recursos e que esteja preparada para receber alunos com autismo, além da inserção dos alunos com necessidades educacionais especializadas (NEE) no ensino regular. Torna-se importante também a participação ativa da família nas atividades escolares dos seus filhos, em uma ação conjunta. Segundo Mantoan (2006, p. 42), “a inclusão escolar deve ser vista como um processo, na medida em que soluções vão sendo estruturadas para enfrentar barreiras impostas à aprendizagem dos alunos”.

O ambiente da escola regular possibilitará a criança com necessidades especiais condições de resolver problemas, interagir com as crianças consideradas “normais” em sala de aula, intervalos, sem superproteção, diferentemente da escola especial apesar de toda insegurança que a família possa sentir. Cabe aos pais confiar nas capacidades de seus filhos, e os professores devem adaptar o currículo para assegurar ao aluno condições de desenvolver habilidades e competências para lidar com as situações cotidianas, superando suas limitações para que construam autonomia e condições de serem inseridos na sociedade de maneira plena.

A família dos alunos com necessidades educacionais especiais são os responsáveis pelas as ações dos seus filhos, de modo que oferecem a primeira formação. Dessa forma, acredita-se que a participação das famílias em parceria com a escola irá contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

De acordo com Marchesi (2004) a educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha, sem a cooperação de outras instituições e, desse ponto de vista, a família é a instituição

que mais perto se encontra da escola. Sendo assim, se levar em consideração que família e escola buscam atingir os mesmos objetivos, estas devem comungar os mesmos ideais, para que possam superar dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais da escola, e também os próprios alunos e suas famílias.

A inclusão dos alunos com TEA constitui-se uma questão delicada que requer cuidado e dedicação, não apenas dos professores, mas também de todos os envolvidos no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, tais como pais, professores e demais funcionários da escola, amigos, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inclusão da criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola comum, de forma que a mesma deve proporcionar o convívio social com outros alunos da mesma faixa etária, estimulando sua interação e diminuindo seu isolamento. Para isso, é necessário o respeito às especificidades das crianças autistas, a interação com pares é de suma importância para o desenvolvimento de qualquer criança.

As causas do TEA não são totalmente conhecidas, mas podem ocorrer no desenvolvimento do feto, envolvendo a genética passada de pais para filhos, além de fatores ambientais que impactam o feto, como estresse, infecções, exposições a substâncias tóxicas e complicações durante a gravidez. Já podendo ser notado nos primeiros meses de vida alguns sintomas nos bebês.

De acordo com Teixeira (2016), ele definiu autismo como uma síndrome de início precoce caracterizada por mudanças significativas no desenvolvimento da linguagem e na interação social. O autor destaca que existem estereótipos e comportamentos repetitivos, rituais, mudanças sensoriais e interesses limitados.

O resultado apresentado constitui-se com base nas informações e fundamentações teóricas dos autores que abordam a importância da participação da família no processo de inclusão do aluno com TEA. Assim, é necessário que a família esteja em parceria com a escola, como participante ativo na educação e inclusão da criança no âmbito escolar, contribuindo na participação em uma ação conjunta, superando os desafios.

Segundo Mantoan (2006), a inclusão escolar deve ser vista como um processo, na medida em que soluções vão sendo estruturadas para enfrentar barreiras impostas à aprendizagem dos alunos. Conforme a análise da pesquisa, pode-se compreender o papel e a

importância tanto na inclusão como na participação da família e sua interação com a escola, pois se faz necessário para o crescimento e na aprendizagem desse aluno com TEA. É dever da família cuidar da criança e proporcionar uma educação mais inclusiva, de forma a contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais.

Assim, é importante que família e escola estejam juntas, cooperando para um bom desenvolvimento do aluno com TEA, sendo fundamental para um crescimento na educação inclusiva, um ajudando o outro com um único objetivo o aprendizado do aluno.

Dessa forma, ressalta-se o quanto é fundamental o acompanhamento familiar no processo de ensino-aprendizagem do aluno com autismo, estando sempre presente na escola, acompanhando a vida escolar da criança.

A relação da família com a escola tem que ser construída para o melhor desenvolvimento da identidade do aluno, inserindo-o na sociedade, para desenvolver um papel de cidadão, sendo imprescindível que haja tal parceria. A criança precisa desse apoio da família não apenas na escola, mas em vários segmentos da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aborda a inclusão escolar dos alunos com autismo, sendo observado que, a partir das leis estabelecidas para os autistas e a inclusão escolar, está sendo cada vez maior a participação das crianças nas salas de aulas e nas redes regulares de ensino.

Ressalta-se a importância da responsabilidade dos alunos pelos professores e escola, de forma a oferecer uma atenção direcionada para as necessidades específicas desses alunos, com intuito de poder ensiná-lo como os demais, ajudando-o na socialização. Pode-se concluir que esse trabalho colaborativo entre professores, mediadores e familiares apresenta resultados significativos na independência desses alunos, sendo um desenvolvimento em geral.

Compreende-se que uma mudança social é de extrema importância para um melhor desenvolvimento dos alunos com autismo em sala de aula e, como já foi discutido no texto, a partir dessa perspectiva histórico-cultural fica claro que o ambiente é um fator importante para um bom desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Através dos estudos realizados faz-se necessário questionar as estratégias que o sistema da educação tem feito para incluir crianças que possuem TEA na sociedade.

Apesar de que as crianças autistas possam apresentar algumas dificuldades, sejam leves, médias ou até mesmo severas, para que o seu desenvolvimento cognitivo possa ser

comportamental, social, com a possibilidade de interação com a sociedade, é preciso incluí-las sempre dentro do contexto geral da escola, respeitando as suas especificidades. Cabe a sociedade ir em busca, juntamente com as autoridades políticas, a garantia da inclusão educacional, de forma que todos possam ter direito a um ensino de qualidade. Para que isso possa acontecer é preciso da participação de todos, valorizando as diferenças e respeitando as crianças ditas “especiais”, através de um profissional da área do pedagogo e diferenciando, os métodos que valoriza muito o aluno.

O desempenho da escola em estabelecer uma parceria para o desenvolvimento dos alunos com autismo é muito importante, sendo também necessário que essa escola detenha de recursos para inclusão. A responsabilidade não é só da escola, pois a família tem um papel importante nesse processo e sua participação é fundamental para o desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais.

Assim, percebe-se a importância da conscientização para o processo de inclusão escolar, pois tanto as famílias como a escola e sociedade têm que desempenhar um papel importante nesse processo de inclusão e no desenvolvimento da criança como um conjunto de elementos essenciais para a educação inclusiva. Portanto, para alcançar bons objetivos essas parcerias são fundamentais para o andamento da inclusão escolar, de forma que todos, sem distinção, devem possuir a mesma oportunidade na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Carolina da Conceição Silva. Perturbações do espectro do autismo e inclusão: atitudes e rerepresentações dos pais, professores e educadores de infância. **Dissertação (Mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Minho, 2010.

BOSA, C.A. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v.n.1, p.77-88, 2002.

BOSA, Cleonice Alves; SEMENSATO, Márcia Rejane. A família de crianças com autismo: contribuições clínicas e empíricas. In: SCHMIDT; Carlo (org). Autismo, educação e transdisciplinaridade. 2. ed. Campinas: **Papirus**, p. 2-50, 2013.

BRASIL, **Constituição Federal**, Brasília, DF: Senado Federal: centro Gráfico, 1988. 292 p.

TEIXEIRA, G. Manual do Autismo. 2. Ed. – Rio de Janeiro: **Best Seller**, 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: **Moderna**, 2006.



MENEZES, Adriana Rodrigues Saldanha de et al. A Inclusão escolar de alunos com autismo: Quem ensina e quem aprende? **Dissertação (mestrado)**. Programa de pós graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 2012.

VYGOSTSKY, Levi. Pensamento e linguagem. São Paulo: **Martins fontes**, 1989.